



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO**

DANIEL JOSÉ GERALDO

**O GAROTO NEGRO EM COPACABANA: UMA ANÁLISE DO
FOTOJORNALISMO E SUA ESTÉTICA SOCIAL**

**CAMPINA GRANDE
2018**

DANIEL JOSÉ GERALDO

**O GAROTO NEGRO EM COPACABANA: UMA ANÁLISE DO
FOTOJORNALISMO E SUA ESTÉTICA SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à coordenação do
curso de Jornalismo, da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Verônica
Almeida de Oliveira Lima.

CAMPINA GRANDE

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G355g Geraldo, Daniel José.
O garoto negro em Copacabana [manuscrito] : uma análise do fotojornalismo e sua estética social / Daniel Jose Geraldo. - 2018.
37 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas , 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Verônica Almeida de Oliveira Lima , Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA."
1. Fotojornalismo. 2. Estética social. 3. Fotografia . I. Título
21. ed. CDD 070.4

DANIEL JOSÉ GERALDO

**O GAROTO NEGRO EM COPACABANA: UMA ANÁLISE DO
FOTOJORNALISMO E SUA ESTÉTICA SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à coordenação do
curso de Jornalismo, da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em: 09/12/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.ª Dra. Ada Késsea Guedes Bezerra (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Hipólito de Sousa Lucena (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

CAMPINA GRANDE

2018

Ao meu amado sobrinho Rubens Samuel, in
memoriam, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Sou grato ao meu Deus por todas as coisas. Tudo o que vivi durante o curso me fazia lembrar seus projetos para minha vida, não sou merecedor desse cuidado divino. Agradeço aos meus pais, Dona Nininha e Zezinho, minha base, pois mesmo sem entender como aconteceria me direcionarem ao caminho que poderia modificar minha situação, meus estudos. Sinto-me privilegiado em tê-los como meus maiores educadores, assim como todos os meus irmãos, que sempre demonstraram seu orgulho em ver minha evolução acadêmica, amo a todos.

Agradeço aos meus amigos, que sempre me incentivaram a ser alguém melhor, em especial a Luiz Walter Júnior, Michele Almeida e Gilvete Mota, que acreditaram em meu potencial na área antes mesmo de ingressar na graduação. Na academia quero destacar a importância da minha amada amiga Daiane Cavalcante, meu braço direito durante essa jornada; Deus sabe o quanto sua vida serviu de coluna para esse período. Assim também como todos os colegas que de forma direta ou indireta somaram em minha construção como jornalista.

Aos meus educadores de todas as etapas da minha vida como estudante e aos mestres do Curso de Jornalismo da UEPB, em especial a minha orientadora Verônica Almeida que sempre fora um exemplo para mim e esse foi o maior motivo em convidá-la para minha orientação. Ao Jornalista e amigo Julio Cesar Gomes, influência marcante na construção do meu desejo pela fotografia durante meu estágio na Coordenadoria de Comunicação da UEPB. Agradeço a todos!

É com lágrimas que redijo esse texto, pois foram cinco anos aprendendo a ser um profissional diferenciado, foram muitas lutas vividas e esse trabalho é a representação de um ciclo concluído na minha vida, acreditando que outro iniciará em breve. Concluo então rendendo graças e honras ao Deus da minha vida, pois foi Ele que me plantou o desejo de ingressar nessa área o que de início não entendi, mas hoje sei e afirmo que sua vontade é boa, perfeita e agradável. Obrigado Jesus!

O GAROTO NEGRO EM COPACABANA: UMA ANÁLISE DO FOTOJORNALISMO E SUA ESTÉTICA SOCIAL

Daniel José Geraldo ¹

RESUMO

O presente artigo se propõe a analisar como a fotografia de estética social repercute na internet a partir da interação gerada nas redes sociais. Tentamos adentrar nas interpretações apresentadas na rede após a publicação da foto “O Garoto em Copacabana Beach”, de autoria de Lucas Landau, apontando para a importância do conhecimento prévio, por parte do fotógrafo, da sua proposta de criação, assim como as possíveis interpretações dessa imagem, diante da visão própria que cada um constrói sobre o que se vê e a revelação da existência de uma estética ainda presente na sociedade referente à figura do negro. Este trabalho aponta a necessidade de discussões sobre os diversos espíritos que surgem quando determinada imagem é exposta e a importância do profissional entender esse processo. Com a pesquisa de natureza qualitativa, fazendo uso de pesquisa exploratória e descritiva, lançando mão do estudo de caso, nosso trabalho analisa como esta fotografia foi interpretada nas redes sociais. Como resultado, entendemos a necessidade de contextualização de uma fotografia de cunho social, como forma de não fortalecer os estereótipos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Fotojornalismo. Estética. Fotografia.

¹ Graduando em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, no Departamento de Comunicação Social da UEPB. danielbergjg@gmail.com

ABSTRACT

This article proposes to analyze how social aesthetics photography has repercussions on the internet from the interaction generated in social networks. We try to get into the interpretations presented in the network after the publication of the photo "The Boy in Copacabana Beach", by Lucas Landau, pointing out the importance of the photographer's prior knowledge of his creation proposal, as well as the possible interpretations of this image, before the own vision that each constructs on what is seen and the revelation of the existence of an aesthetics still present in the society concerning the figure of the black. This academic work points out the need for discussions about the various spirits that arise when a given image is exposed and the importance of the professional to understand this process. With the research of a qualitative nature, making use of exploratory and descriptive research, taking advantage of the case study, our work analyzes how this photograph was interpreted in the social networks. As a result, we understand the need to contextualize a social photography, as a way of not strengthening social stereotypes.

KEYWORDS: Photojournalism. Aesthetics. Photography.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. FOTOGRAFIA: A TENTATIVA DE REPRODUZIR O QUE SE VÊ.....	10
2. FOTOJORNALISMO	14
3. FOTOJORNALISMOS REVELANDO UMA ESTÉTICA SOCIAL	18
4. METODOLOGIA, ANÁLISE E RESULTADOS	21
4.1 Metodologia.....	21
4.2 Análise.....	22
4.3 RESULTADOS.....	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
6. REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

Entendendo que a fotografia pode ser considerada como um dos meios de comunicação imagética mais atraente, possuindo grande aceitação junto à sociedade devido ao seu contexto histórico social. Podemos destacar que a linguagem visual garante um processo de comunicação importante para o fortalecimento de diversos discursos.

Muitos estudos discorrem sobre os impactos sociais que a fotografia traz nos dias de hoje. Diante de uma sociedade cada vez mais conectada e disposta a participar de forma ativa na internet, a fotografia tomou um lugar de destaque em muitos produtos midiáticos e acadêmicos, sua função passou a ser não apenas de registros histórico ou ilustrativo, mas também forma de protagonizar pesquisas mais aprofundadas sobre o assunto e seu posto na sociedade e na comunicação.

Este artigo aponta para a importância de compreender a visão dos profissionais da fotografia, como uma nova maneira de compreender que seu trabalho pode trazer pontos positivos e negativos quando veiculado pela internet, principalmente no que diz respeito ao fortalecimento de preconceitos e estereótipos².

Para tanto, este escrito traz à tona o fotógrafo responsável por aquela imagem que no início do ano de 2018 foi considerada polêmica e brilhante; que foi a fotografia do garoto negro admirado com a queima de fogos no Réveillon no Rio de Janeiro, de Lucas Landau. Ela será tomada como estudo de caso para fortalecer nossos argumentos, uma vez que a imagem exposta nas redes sociais servirá como base para compreender o ponto de vista do profissional sobre a intenção de trabalhar com esse gênero.

Em sentido de direcionamento trabalhamos a visão de Renato Forin Júnior e Paulo César Boni. Os autores serviram como norte para fortalecer a ideia do fotojornalismo como ferramenta da exclusão social, construída com o passar dos anos, tendo sempre uma elite proprietária em detrimento dos considerados excluídos. Como Também a visão da professora Dulcília Helena

² Segundo o Aurélio: Comportamento ou discurso caracterizado pela repetição automática de um modelo anterior, anônimo ou impessoal, e desprovidas de originalidade e da adaptação à situação presente. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/estereotipo>.

Schroeder Buitoni, que faz uma relação entre fotografia e jornalismo, trazendo uma ideia de responsabilidade do fotógrafo jornalista em suas produções.

Levando em consideração a visão de um profissional de fotografia e utilizando a imagem fotografada através do mesmo, a qual se tornou um viral na internet. Trazendo as publicações de dois portais abrindo espaço para diversas interpretações, o que nos revela a importância de estudar esse acontecimento, com isso poderemos compreender a respeito do processo de comunicação estética e imagética.

1. FOTOGRAFIA: A TENTATIVA DE REPRODUZIR O QUE SE VÊ

Na tentativa de expressar sua realidade o homem sempre buscou capturar o que seus olhos conseguiam observar, seja, inicialmente, através das pinturas rupestres encontradas por diversas partes do mundo ou até mesmo tempos depois na busca em traduzir de uma maneira gráfica sua fala com o surgimento da escrita.

Com o passar dos anos o uso da imagem alcançou proporções maiores, a pintura, a escultura e outras formas de arte tentaram imprimir uma visão própria da figura humana. Contudo, mesmo com todas essas formas de traduzir a imagem, a fotografia conseguiu capturar a realidade em um nível superior a todas as outras expressões. De acordo com Dubois (1993), os discursos da época, expressavam o fascínio pela capacidade mimética que procedia de sua própria natureza técnica, de seu procedimento mecânico, que permite o surgimento de uma imagem de maneira automática, objetiva, quase natural, ele afirma que a fotografia é “a imitação mais perfeita da realidade” (DUBOIS, 1993, p.27).

Diante de vários nomes de pesquisadores importantes que somaram durante anos ideias e feitos para a evolução dessa técnica, mesmo com todos os esforços de eleger um pioneiro do que mais tarde chamaríamos de foto, o nome do francês Joseph Nicéphore Niépce, surge como idealizador do processo de reprodução do que seria o início daquilo que o mundo reconhece como fotografia, como menciona Lopes:

A fotografia surge com as experiências químicas para revelar e fixar as imagens e o seu “parente” mais próximo encontra-se na litografia que terá inspirado Niépce nas suas descobertas. Isto reforça a ideia de que, tratando-se a fotografia de algo verdadeiramente inovador, não é um fenômeno de geração espontânea, desligado do seu contexto. Atente-se então no contexto geral em que o invento fotográfico se deve inserir. Desde logo no contexto econômico a fotografia surge como uma verdadeira revolução tecnológica, pois constitui uma resposta inovadora a uma situação em que a procura de aumento de produtividade encontrara um estrangulamento (LOPES, 1998. p.6).

Reforçando esse argumento, podemos entender que o processo de criação da fotografia estava ligado a eventos sociais, como uma maneira de

adaptação aos movimentos e revoluções. Segundo Renato Forin e Paulo César Boni (2006) a Revolução Industrial foi a novidade responsável em fornecer suporte técnico e social para o surgimento da fotografia no início do século XIX. De acordo com Forin e Boni (2006, p. 39) “o primeiro protótipo da câmera fotográfica, surgiu em razão dos avanços técnicos proporcionados pelo capitalismo”, segundo eles “inicialmente os fotógrafos serviam principalmente aos retratos das classes dominantes e só aos poucos foram atingindo a média e baixa burguesia”.

Passado alguns anos, após várias pesquisas e outros nomes que somaram seus conhecimentos e técnicas para aprimorar a ideia inicial, a produtividade seria o gatilho para a evolução do primeiro objeto criado. Da câmara escura ao surgimento das fotos coloridas, a fotografia ganhava novas características, um amadurecimento para se tornar o que hoje chamamos de fotografia digital.

Com a incansável busca em aperfeiçoar a forma de “escrever com a luz” os inventores chegaram a popularizar a fotografia. E essa democratização só ocorreu após o surgimento da fotografia digital. Um exemplo foi a criação da Kodak, a primeira câmera portátil a ser alcançada por parte da população³.

Uma vez que o objetivo central desse trabalho é apontar as diferentes interpretações da fotografia de estética social vinculada à internet, essa contextualização breve da história da fotografia se faz necessária para reforçar o desejo do homem em capturar o que está ao seu redor para, posteriormente, descrever a fotografia e sua função estética e social.

Essa popularização que podemos entender como a criação de novos equipamentos trouxe mudanças e efeitos positivos e negativos. Sobre esta questão o fotógrafo Rogério Reis, em entrevista para a EBC da TV Brasil em 2014, afirma:

Você tem por um lado à banalização da imagem, do ponto de vista da era pré-digital, de quem fotografava neste momento. E

³ In: <https://www.terra.com.br/noticias/tecnologia/negocios-e-ti/kodak-como-a-era-digital-se-voltou-contr-a-um-de-seus-criadores,19382feb711ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. > Acesso em 29/10/2018

“você tem a democratização, que é um novo tempo onde todo mundo fotografa.”⁴

A entrevista da qual participou Rogério Reis fez parte do produto Caminhos da Reportagem do Portal de notícias EBC. A matéria trouxe parte de uma discussão com o tema: *Popularização da fotografia*. Pesquisadores da área e fotógrafos renomados se posicionaram, como Sebastião Salgado, um dos maiores nomes na fotografia brasileira, ganhador de vários prêmios e uma voz forte nesse universo. Segundo ele, o fotógrafo quando faz uma intervenção, faz com a história dele, com ideologias, com a ética, trazendo uma escrita que é a fotográfica tornando algo muito especial.

Acerca do que podemos descrever como os pioneiros da fotografia na história e as mudanças do domínio desse poder para outras classes sociais retomaram Forin e Boni:

“Os domínios da fotografia, que já começaram pela posse de um grupo de privilegiados e que dispunham de conhecimento técnico e dinheiro para investimentos na nova mídia, mantêm uma relação singular na Era da Globalização” (ibid, 2006, p. 40).

E Freitas (2009) fala da facilidade de fotografar numa sociedade globalizada, desmistificando um pouco sobre o total domínio do poder de registro, abrindo espaço também para o surgimento das novas tecnologias e a internet como forma de democratizar esse fenômeno:

É certo que o desenvolvimento das câmeras fotográficas digitais e das ferramentas disponíveis na internet impulsionou ainda mais a difusão da prática fotográfica e a circulação da imagem. No entanto, essas facilidades, muitas vezes, fazem com que a prática fotográfica seja realizada de forma automática, levando a uma desvalorização do olhar como ato principal do fotógrafo em detrimento do simples ato de disparar o obturador. Basta o apertar de um botão e temos uma fotografia. Na verdade, temos várias fotografias, para registrar cada momento vivido freneticamente pela sociedade da informação instantânea. Temos também um lugar para expô-las, público para vê-las, comentá-las e facilidade para comprá-las com poucos cliques. (FREITAS, 2009, p.63).

⁴ In <http://tvbrasil.ebc.com.br/caminhosdareportagem/episodio/popularizacao-da-fotografia.>> Acesso em 29/10/2018

Essa facilidade, mesmo aparentando ser destrutiva à prática profissional da fotografia, não limita ou interrompe, por exemplo o papel fundamental do fotojornalismo. Isto se dá devido uma diferença entre apenas fotografar o que se vê e elaborar uma ideia fotográfica contando uma narrativa através de uma foto.

Podemos notar que a profissão ganhou força e “*status*”, não apenas nas áreas comerciais da fotografia, mas em projetos onde o olhar do fotógrafo tornou-se sua arma mais poderosa e valorizada. Como o exemplo do programa Arte na Fotografia do canal Arte1, *reality show* que tem objetivo principal desafiar jovens fotógrafos a criarem em diferentes situações as melhores fotos. Esse, como outros produtos midiáticos, apontam o interesse do público por esse tipo de conteúdo, reforçando a ideia de modificação do uso da fotografia, anteriormente apenas como forma de registro pessoal.

A professora Dulcília Helena Schroeder Buitoni (2007), discute sobre as relações entre fotografia e jornalismo, avaliando como alguns autores abordam esse tema, questionando as razões de uma imagem ser considerada jornalística. Ela faz um paralelo entre o processo analógico, as formas digitais usadas por jornais e revistas até chegar ao webjornalismo.

O vínculo físico entre o referente e a foto é a pedra de toque que justificou a credibilidade e a veracidade dessa reprodução técnica. Esse liame da cena, pessoa ou objeto com o momento exato do disparo somou-se à aura científica do contexto histórico em que a invenção fotográfica surgiu, contribuindo para a ideia de registro fiel. (BUIIONI,2007, p.104)

Segundo ela, a qualidade e transparência das fotografias foram tomadas pelo discurso jornalístico, que adotou a fotografia como elemento confiável do real. Buitoni (2007) ainda faz uma comparação sobre as funções clássicas do fotoilustração, como descrever, explicar e detalhar. Já o fotojornalismo, para ela, exerce uma função profissional, “um tipo de imagem canalizada em função dos valores de informação, atualidade, relevância política/social/cultural”. (BUIIONI, 2007, p.107).

Diante do exposto, podemos entender que o fotojornalismo exige desse profissional um conhecimento de assuntos modernos e discussões acerca do que pretende fotografar, sendo ele o autor responsável por sua obra.

2. FOTOJORNALISMO

As imagens de guerras que contam ao mundo os terrores, as lágrimas, as lutas, são reveladas pelo olhar de vários profissionais, demonstrando a importância desses atores e suas obras. Quem não se impressiona com as fotografias durante e pós Segunda Guerra Mundial, ou quem não se encantou com a cobertura do histórico casamento do herdeiro do trono inglês com uma atriz afro-americana? Todas essas obras elaboradas por mentes criativas, colaboraram para o acervo fotográfico da história mundial.

Figura 1: "The Kiss" marinheiro norte-americano beijando uma jovem mulher no Dia V-J (vitória sobre o Império do Japão) na Times Square em 14 de agosto de 1945



Fonte: Foto de Alfred Eisenstaedt , 1945

Figura 2: Príncipe Harry e Meghan Markle



Fonte: Foto de Alexi Lubomirski, 2018/ via Reuters.

Em reforço a essa ideia podemos entender que o fotojornalismo está pautado ao ato de contar uma narrativa. Claro que este necessita de elementos gráficos, como a escrita para fixar a intenção real do que está sendo apresentado. O fotojornalismo é “sinônimo de contar uma história em imagens” (SOUSA, 2002, p.8). Esse ato exige do profissional um conhecimento que só ocorre através do estudo do caso ou das situações dos sujeitos que são fotografados, mesmo que pareça algo simples.

Seguindo então nossa temática principal, entendemos que ser um fotojornalista não está restrito apenas a obter um equipamento que garanta uma qualidade no produto final, ou aprender todas as técnicas necessárias para seguir o que se pede na profissão. No jornalismo moderno, submerso quase que por inteiro na internet, modificações se fizeram necessárias para se adequar as novas plataformas e linguagens.

Essas linguagens refletem o surgimento do que podemos destacar como a democratização dos conteúdos ou a participação ativa daqueles que apenas recebiam essas informações. Os internautas, novos “leitores da web”, se tornaram críticos, expressam e apontam seus pontos de vista, deixando em

rede suas ideias, modificando assim a maneira de interação que empresas do ramo da comunicação tem com seus usuários.

Essas mudanças no “estatuto do leitor” são assimiladas aos poucos pelos grandes veículos. É o que afirma Cristiane Fontinha Miranda em sua dissertação com o título *Conexões fotográfica: a construção de uma nova narrativa visual*:

Com a popularização dos blogs, inclusive nos meios de comunicação, a fotografia estreita os laços com o leitor. Alguns veículos tornam a experiência jornalística mais pessoal com os depoimentos dos bastidores da notícia, sob o ponto de vista tanto do repórter como do fotojornalista. (MIRANDA, 2012, p.41).

Diante dessas alterações, o que devemos ressaltar sobre o fotógrafo jornalista e sua atuação é o que cabe a ele entender, não apenas aquilo que estará em destaque ou desfocado, mas os processos antes, durante e após a criação. Sua percepção deve se encaixar em critérios como afirma Sousa:

Sensibilidade, capacidade de avaliar as situações e de pensar na melhor forma de fotografar, instinto, rapidez de reflexos e curiosidade são traços pessoais que qualquer fotojornalista deve possuir, independentemente do tipo de fotografia pelo qual enverede”. (SOUSA, 2002, p.9).

Ainda segundo o autor, para que ocorra a comunicação completa, ou informação, o fotojornalismo deve conciliar fotografias e textos:

Falar de fotografia não é necessariamente falar em fotojornalismo, pois a fotografia segundo ele é incapaz de ofertar determinadas informações, necessitando ser complementada com textos orientando a construção de sentido. (SOUSA, 2002, p.9)

O autor ainda expressa a ideia de saber lidar com o que chama de “linguagem do instante”. Ele salienta as técnicas necessárias para compor uma imagem em determinadas situações, afirma que os fotojornalistas trabalham com base numa linguagem de instantes, procurando então sintetizar em um ou vários instantes, no momento da captura da imagem, toda a essência de seu acontecimento ou significado:

Portanto, o foto-repórter tem de discernir a ocasião em que os elementos representativos que observa adquirem um posicionamento tal que permitirão ao observador atribuir claramente à mensagem fotográfica o sentido desejado pelo fotojornalista. (SOUSA, 2002, p.10).

Identificar o que realmente quis dizer o autor da imagem não parece ser uma tarefa fácil em mundo conectado e habituado a turbilhões de imagens sem contextualização. Devemos observar que diariamente somos condicionados a imagens de determinados lugares, assuntos e pessoas. As novas ferramentas digitais e novas formas de interação têm gerado novas maneiras de observar o mundo. Uma condição mais rápida, sem aprofundamento nos elementos compostos na obra. A falta de um olhar mais detalhista ou cada vez mais mecânico nos tem transportado para o que podemos classificar como a banalização do apreciar.

3. FOTOJORNALISMOS REVELANDO UMA ESTÉTICA SOCIAL

O fotojornalismo, mesmo com suas características próprias, não perde seu aspecto principal: o poder de gerar emoções. Como afirma Dubois “De início, a fotografia só é percebida pelo olhar ingênuo como um "unalogon"⁵ objetivo do real” (DUBOIS, 1998, p. 26). E são essas emoções que revelam a visão de uma estética social, que muito antes já se interpretava sobre uma única ótica como também afirma o autor.

O princípio de realidade foi então designado como pura "impressão", um simples "efeito". Com esforço tentou-se demonstrar que a imagem fotográfica não é um espelho neutro, mas um instrumento de transposição, de análise, de interpretação e até de transformação do real, como a língua, por exemplo, e assim, também, culturalmente codificada. (DUBOIS, 1998, p.26)

Podemos entender que o ato de fotografar o que se observa por uma ótica própria, construída ou alicerçada sobre uma impressão social podem revelar pluralidades de interpretações. Mas essas formas de enxergar estão ligadas inicialmente a visão de uma realidade que necessita ser desconstruída. O que talvez não seja fácil, mas de extrema necessidade. “Um sentimento de realidade incontornável do qual não conseguimos nos livrar apesar da consciência de todos os códigos que estão em jogo nela e que se combinaram para a sua elaboração” (DUBOIS, 1998, p.26).

Esses códigos que relata o autor nos levam a indagar quais elementos encontrados em uma determinada imagem pode nos garantir a verdadeira intenção do seu autor? Quais os argumentos que podemos proferir para fortalecer a ideia pré-concebida através de uma simples imagem?

Essa concepção de determinada imagem, revela a raiz de uma percepção de como vemos determinados sujeitos sociais quando esses surgem em determinadas posições, lugares, ou situações. E esses espíritos individuais reforçam a justificativa de propor uma discussão acerca das variadas interpretações sobre determinada figura apresentada e a importância daqueles que as capturam e divulgam na maior vitrine do mundo (internet) seus

⁵ Análogo

pontos positivos e negativos, suas responsabilidades e técnicas para transmitir o real motivo da divulgação.

Para fortalecer esse argumento iremos inserir a visão de Vilém Flusser sobre imagem. O autor afirma que as imagens são “resultados do esforço de se abstrair duas das quatro dimensões espaciotemporais, para que se conservem apenas as dimensões do plano. Devem sua origem à capacidade de abstração específica que podemos chamar de imaginação”. (FLUSSER, 1985, p.12). O autor reflete sobre a superficialidade de observar uma imagem, pois segundo ele ao circular pela superfície, nossos olhos tendenciosamente voltam sempre à elementos preferencias. Esses elementos passam então a ser centrais e cheios de significados.

Flusser afirma ainda que a imaginação seria a culpada por esse viés, destacando dois aspectos:

Se de um lado, permite abstrair duas dimensões dos fenômenos, de outro permite reconstituir as duas dimensões abstraídas na imagem. Em outros termos: imaginação é a capacidade de codificar fenômenos de quatro dimensões em símbolos planos e decodificar as mensagens assim codificadas. (FLUSSER, 1985, p.12)

Reforçando essa visão, podemos afirmar o que o próprio autor fala sobre “intencionalidade”. Ou seja, da finalidade ligada a total intenção do emissor e à compreensão do receptor. Sendo assim, iremos nos guiar para uma verdade sobre o que afirma Flusser: a interpretação daquilo que se vê está ligada à como expressamos nosso ponto de vista sobre a imagem (FLUSSER, 1985).

Então diante dessa ideia, podemos acrescentar que a fotografia de estética social tem enorme papel e importância impar na construção de conceitos ou até mesmo no fortalecimento iconográfico a respeito daqueles que vivem sob o julgamento de uma estética denominada como inferior ou marginalizada.

A exemplo disso, temos as interpretações da figura do homem negro na sociedade. Não é difícil encontrarmos discursos a respeito de termos ligados a questões raciais na mídia. A representação do negro nas novelas, por exemplo, reforça a visão de superioridade de uma estética branca de olhos azuis. O negro sempre é encontrado como o subalterno, os poucos que estão em

destaque, cabem em papéis “únicos” ou que de forma implícita, precisam de pena ou auxílio para vencer na vida durante a trama.

A intenção desse trabalho não se retém a essa temática racial, mas partimos dela para fortalecer nosso ponto de vista acerca de como o fotojornalismo fotografando o ser negro, sem contextualização ou uma construção clara de composição, pode gerar interpretações e fortalecer a estética equivocada da inferioridade do homem negro.

Acerca da estética social podemos retomar a visão de Forin e Boni (2006), que afirmam que “o fotojornalismo tornou-se uma espécie de mote para reconhecer diferenças e uma forma de autoafirmação da ‘superioridade’ das elites leitoras dos meios impressos” (FORIN, BONI, 2006, p.41). Nesse caso os internautas tomam o lugar desses leitores. Eles ainda afirmam que “imagens de determinados grupos sociais excluídos, chegam a um público de maior poder aquisitivo para cumprir uma função psicologicamente determinada, provocando comoções que nada mais são que a máscara de sua passividade social diante da desigualdade” (FORIN, BONI, 2006, p. 41).

Nosso país é desigual, diante da sua construção histórica e de uma realidade social onde a maior parte da população pobre é negra ou parda. É o que afirma o IBGE: “Entre as pessoas com os 10% menores rendimentos do país, a parcela da população de pretos ou pardos chega a 78,5%, contra 20,8% de brancos. No outro extremo, dos 10% com maiores rendimentos, pretos ou pardos respondiam por apenas 24,8%.”⁶

Essa realidade não diminui a responsabilidade em quebrar estereótipos reforçados pela mídia. Para isso o fotojornalismo deve estar condicionado a filtrar suas obras e contextualizá-las quando seus elementos podem reforçar a visão marginalizada dos menos favorecidos, pois a liberdade de expressão não nos tira as possíveis consequências de nossos atos, mesmo que esses sejam apenas para auxiliar um texto ou apenas emocionar.

Podemos então afirmar que as fotos de cunho social para o jornalismo contemporâneo devem estabelecer princípios não apenas éticos, mas antecipadamente reflexivo, já que o jornalista fotógrafo deve não apenas

⁶ In: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-12/ibge-brasil-tem-14-de-sua-populacao-vivendo-na-linha-de-pobreza>>. Acesso em 29/10/2018

entender das técnicas da profissão, mas somar seus conhecimentos as mudanças e visões sociais.

4. METODOLOGIA, ANÁLISE E RESULTADOS.

4.1 Metodologia

Nossa pesquisa é de natureza qualitativa, e faz uso de pesquisa exploratória e descritiva, por meio de um estudo de caso. Nosso trabalho visa analisar como a fotografia de estética social repercute na internet a partir da interação gerada nas redes sociais.

De acordo com Gil (1991 *apud* KAUARK, MANHÃES, MEDEIROS, 2010, p.28) a pesquisa exploratória objetiva a maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito, ou à construção de hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado, análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, as formas de pesquisa bibliográficas e Estudos de Caso.

Já a pesquisa descritiva, segundo os autores, visa descrever as características de determinada população, fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados; questionário e observação sistemática. (GIL *apud* KAUARK, MANHÃES, MEDEIROS, 2010)

Com relação ao estudo de caso, ele se apresenta como estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento. (GIL *apud* KAUARK, MANHÃES, MEDEIROS, 2010)

O caso selecionado para este estudo foi a fotografia intitulada “O garoto negro em Copacabana Beach”, feita no último dia do ano de 2017, pelo fotógrafo Lucas Landau que estava na praia de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro, para realizar um trabalho onde deveria fotografar a famosa e tradicional queima de fogos.

A escolha da fotografia em questão se deu pelo fato da estética apresentada. Num primeiro momento, a figura do garoto negro nos chama à reflexão como representação da etnia que nos identificamos como igual,

sempre que encontramos esses elementos em qualquer situação, nosso olhar nos remete a entender o que aquela imagem quer transmitir. Por outro lado, nosso objeto também se configura como uma fotografia bem composta, bela, passível de apreciação.

Salientamos também a repercussão que a foto gerou a partir das interpretações apresentadas. Muitos temas foram levantados, discutidos e divulgados em programas de TV, alguns portais entraram no debate e a fotografia viralizou sendo bastante repercutida nas redes sociais.

Com isso notamos que essa única imagem abre possíveis vertentes a serem discutidas e pesquisadas. A estética encontrada nela poderia abrir brechas para discursos de cunho raciais e éticos, potencializando a necessidade de debatermos acerca de como a estética é importante para alcançarmos conhecimentos de como uma sociedade tão mista em diversos fatores pensa através do olhar.

Neste sentido, nosso estudo foi organizado da seguinte forma: após a seleção da fotografia, realizamos pesquisas na internet com o intuito de confirmar as variações de abordagem em sites e redes sociais, respeitando critérios éticos, como por exemplo não divulgar nomes ou fotos do perfil selecionado para análise. Nas redes, fomos primordialmente, ao Instagram do fotógrafo, lá encontramos diversos comentários acerca da imagem em destaque em meados de setembro do corrente ano. Do mesmo modo que fizemos no procedimento anterior, entramos no Facebook de Landau para compararmos a variação de comentários de uma rede social à outra.

Escolhemos dois sites para estudo, o *Catraca Livre*⁷ (catraquinha.catracalivre.com.br) e o *El País*⁸ (brasil.elpais.com) que levantaram várias discussões e abriram espaço de fala para o fotógrafo; publicando também comentários de escritores, psicanalistas e educadores da área.

4.2 Análise

⁷ <https://catraquinha.catracalivre.com.br/geral/defender/indicacao/menino-fotografado-copacabana/>

⁸ https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/02/politica/1514924485_498274.html

Lucas Landau, fotógrafo de 28 anos, nascido e radicado no Rio de Janeiro, trabalha realizando cobertura em toda a América Latina. Desde 2017, quando focou seu trabalho em fotografia documental e fotojornalismo, Landau está trabalhando em tempo integral como contador de histórias visual independente (e às vezes como escritor também), documentando questões sociais e ambientais que ele acredita serem submissas ao público. Usando a fotografia, ele tenta estourar as bolhas sociais que nos privam de visões diferentes. É colaborador frequente da Reuters, da Folha de São Paulo, do UOL e da Marie Claire, entre outros clientes, como dispõe todas essas informações em seu site na internet: www.lucaslandau.com/about.

Percebemos que a fotografia escolhida se trata de estética social pela expressão e conteúdo nos discursos que se dirigem a uma imagem de desigualdade ou sofrimento social, apenas pela representação do negro. Os valores encontrados na imagem após a experiência sensorial reforçam a visão de como a sociedade está condicionada a enxergar sujeitos de forma inferior ou marginalizada.

Quando falamos de fotografias na internet devemos destacar as características encontradas nesse mundo tecnológico. Porém, ao se tratar de uma fotografia aparentemente simples, destacando o primeiro plano, sem muitas tabelas de cores, apenas o branco e preto, uma fotografia que poderia ser mais uma, ganha outras dimensões. Uma imagem congelada de um personagem parado, olhando para o céu, com os braços cruzados, talvez com frio, ou não, mas com um olhar forte, expressivo.

Ele está no mar, outros estão na praia, todos de branco, menos ele. É a simbologia de um novo ano que vem. Sabemos porque, de imediato, nosso olhar nos remete as cores das roupas daqueles que estão na praia. Estão sorrindo, comemorando, mas lá na frente, está ele, o “simbolismo” em destaque. Talvez de rua, pobre, com fome. A expressão da desigualdade social do nosso país. Ele é negro! Uma criança negra, sozinha, desamparada. Só pode ser de rua!

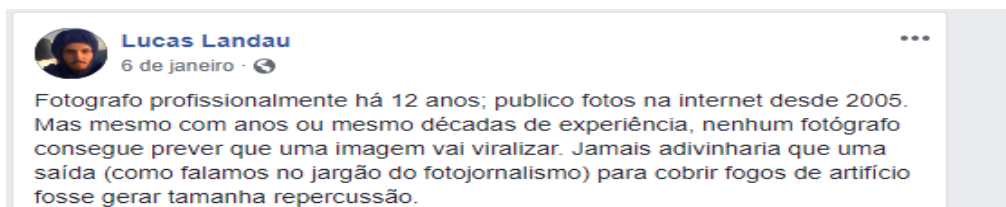
Figura 3: O garoto negro em Copacabana Beach.



Fonte: LANDAU,2018

Essa bela fotografia, obra como dito, do jovem e renomado fotógrafo Lucas Landau, emocionou a muitos no início do ano de 2018. Bastante se falou sobre essa composição fotográfica. A força da imagem revelou uma ambiguidade de visões acerca dos elementos apresentados. Portais de notícias, programas de debates discutiram sobre o assunto. Tudo ocorreu após o profissional divulgar sua obra nas redes sociais. Segundo ele, a atitude de postar suas imagens acontece desde 2005, o que não o fez imaginar que sua obra viralizasse: “Jamais adivinharia que uma saída (como falamos no jargão do fotojornalismo) para cobrir fogos de artifício fosse gerar tamanha repercussão” (Lucas Landau, publicação via facebook)⁹. É o que está exposto na figura 4, numa postagem feita pelo fotógrafo em sua rede social.

⁹ <https://www.facebook.com/lucaslandau>

Figura 4: Publicação de Lucas Landau em rede social

Fonte: captura de tela do Facebook

"Ele estava lá, como outras pessoas, encantado. Perguntei a idade (9) e o nome, mas não ouvi por causa do barulho. Como ele estava dentro mar (que estava gelado), acabou ficando distante das pessoas. Não sei se estava sozinho ou com família"¹⁰ palavras do fotógrafo para o portal *O Globo* em 02/01/2018.

Fortalecendo nossa ideia principal, mostraremos como esta publicação revelou discursos diversos sobre a imagem. Nossa intenção não é classificar o profissional como vilão ou herói, mas fortalecer a importância de contextualização de uma fotografia de cunho social na internet.

A figura 5 trata-se de uma postagem feita por uma seguidora na rede social Instagram do fotógrafo, no dia primeiro de janeiro de 2018:

¹⁰ In <<https://oglobo.globo.com/rio/foto-de-menino-durante-reveillon-de-copacabana-causa-polemica-nas-redes-sociais-22246229>>. Acesso em 29/10/2018.

Figura 5: 1º Comentário em rede social

Fonte: Reprodução Instagram
www.instagram.com/p/BdZOjPQHUU1/

Esse comentário reforça uma opinião pautada apenas na estética apresentada na foto. A seguidora observou a fotografia e elaborou seu pensamento voltado ao que a mesma entende como uma situação desfavorecida da criança apresentada. Podemos observar que ela atenta-se para outra reflexão, a falta de “essência” ao enxergar essa imagem, questionando por quais motivos houve tanta repercussão.

Podemos observar aqui uma contradição em suas palavras, pois se imediatamente a figura da criança negra é remetida e desigualdade social, porque alguém necessitaria de um olhar mais clínico para entender exatamente o que apenas ela viu?

Na figura 6 temos outro comentário feito por seguidoras no perfil do Facebook do Lucas Landau no dia primeiro de janeiro de 2018.

Figura 6: 2º Comentário em rede social



Fonte: Reprodução Facebook

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10215003728068814&set=pcb.10215003728268819&type=3&theater>.

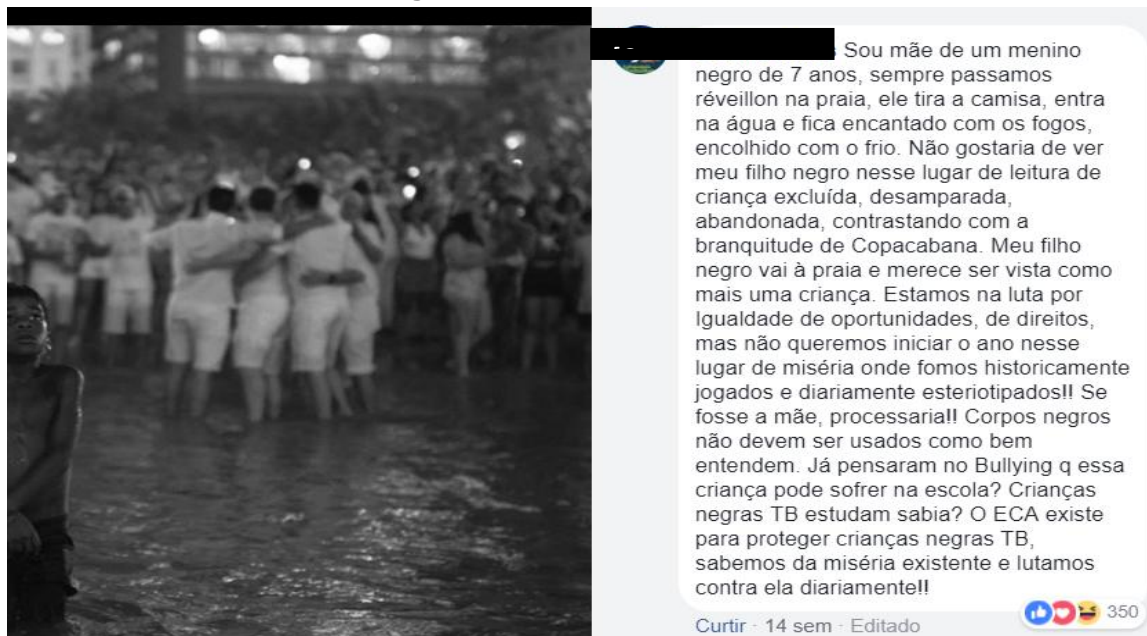
Aqui vemos outra vertente sobre a polêmica, a seguidora levanta a questão de direitos de imagem. Ela se refere à liberdade de expressão, no que podemos entender ser essa liberdade do fotógrafo, mas em contrapartida o assunto poderia ser interpretado como liberdade de imagem de crianças, como aplica-se no ECA – Estatuto da Criança e Adolescente em seu artigo 17:

O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais”. (ECA - Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990)¹¹

A figura 7 trata-se de outro comentário feito na postagem do Facebook do Lucas Landau em Janeiro de 2018.

¹¹ <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10618111/artigo-17-da-lei-n-8069-de-13-de-julho-de-1990>

Figura 7: 3º Comentário em rede social

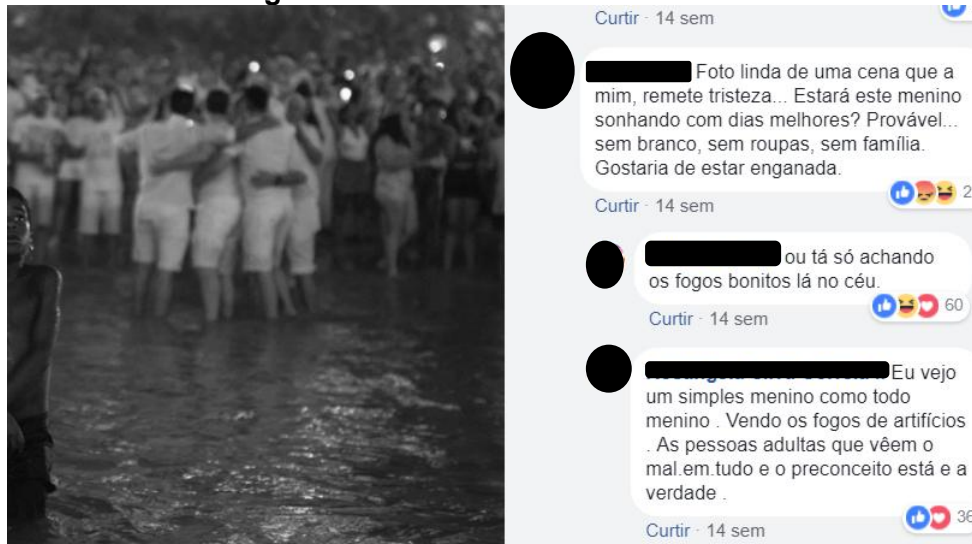


Fonte: Reprodução Facebook

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10215003728068814&set=p8268819&type=3&theater>

Nessa postagem enxergamos uma visão do que podemos entender como uma mãe, retratando sua indignação sobre o uso da fotografia. Esse comentário, em especial, reflete a visão de uma pessoa negra em posição de defesa de sua imagem. Podemos também destacar as afirmações encontradas como: estereótipos e exclusão. Cada palavra reforça a importância de contextualização contra o fortalecimento de uma exclusão de classes consideradas inferiores, corroborando para a visão de Forin e Boni (2006) sobre o fotojornalismo. Torna-se uma espécie de autoafirmação da ‘superioridade’ das elites, assim como expressa a luta de quem está em situação de estigma social usando a mesma ferramenta de maneira democrática para desmistificar a visão de um preconceito estabelecido.

A figura 8 trata-se de outra postagem do Lucas Landau e comentários feitos no perfil do Facebook do fotógrafo em Janeiro de 2018.

Figura 8: 4º Comentário em rede social

Fonte: Reprodução Facebook

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10215003728068814&set=pcb.10215003728268819&type=3&theater>

Esses comentários são de duas seguidoras. Aqui elas demonstram divergências de opiniões acerca da imagem, reforçando a problematização sobre possíveis formas de interpretação de uma única imagem. Nesse caso, enquanto uma vê o estereótipo racial, outra apenas enxerga a composição fotográfica. O que não retira o reflexo da falta de contextualização como ferramenta para fortalecer ideias descontextualizadas.

A figura 9 trata-se de postagem feita pelo portal de notícias R7 em sua página no Facebook no dia 07 de janeiro.

Figura 9: Portal de Notícias no Facebook

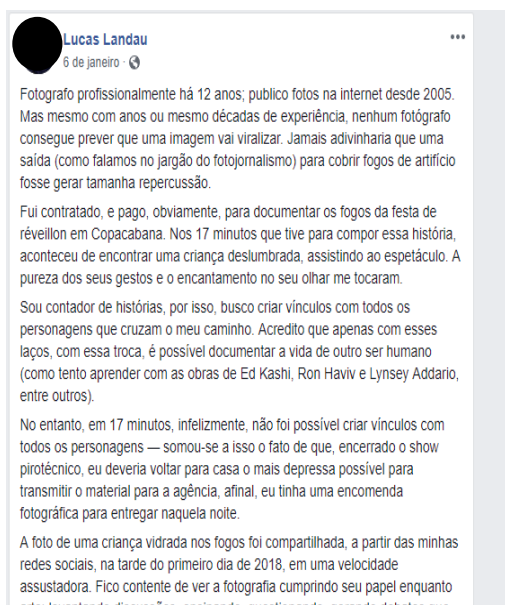
Fonte: Reprodução Facebook

https://www.facebook.com/search/posts/?q=Portal%20R7%20Lucas%20landau&epa=SERP_TAB

Avaliando essa figura, podemos destacá-la como forma de afirmação sobre a polêmica que a foto gerou após se tornar um viral. O portal de notícias R7 destacou o assunto que surgiu no início do ano, trouxe as palavras do fotógrafo, reafirmando sua intenção ao fotografar a criança e entendendo a visibilidade e relevância do assunto para a sociedade, pois a matéria fora construída para discorrer sobre a temática que se demonstrou de extrema importância. O que mais uma vez reforça a necessidade desse trabalho para fortalecer possíveis discussões sobre o assunto. A veiculação de imagens de cunho social na internet necessita de entendimentos sobre as possíveis interpretações e isso pode trazer de forma negativa consequências para o autor.

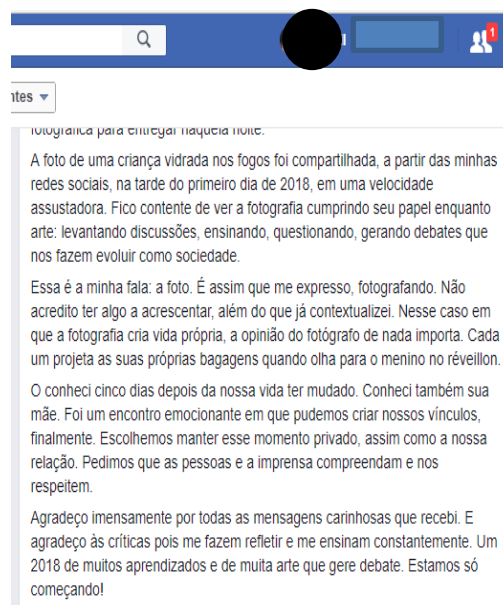
Após a fotografia se tornar viral no Instagram, o fotógrafo fez uma publicação via Facebook para contextualizar sua obra. A publicação está exposta nas figuras 10 e 11.

Figura 10: Fala do Fotógrafo



Fonte: Reprodução Facebook
www.facebook.com/lucaslandau

Figura 11: Fala do Fotógrafo



Fonte: Reprodução Facebook
www.facebook.com/lucaslandau

Devemos ressaltar a intenção do fotógrafo em se posicionar após tanta repercussão sobre sua obra. Ele expressa certa surpresa, pois não imaginava que essa fotografia tivesse tanta força para impactar os internautas. De certa forma, ele tenta justificar sua atitude que já era comum durante alguns anos, usando nomes de outros profissionais como referência.

O autor da foto afirma também que não conseguiu manter contato com a criança diante de sua necessidade de retorno a quem o contratou. Essa falta de contado talvez seja o erro principal que podemos destacar. Como fotógrafo social, entender essas primazias e por em prática poderia garantir a ele um cuidado mais criterioso no momento da postagem.

Em outro momento em sua postagem, o profissional se põe como neutro diante das polêmicas, ele afirma que sua opinião acerca do garoto não importa, apenas como fotógrafo, seu papel seria fotografar e contar história. Que cada pessoa interpreta a imagem pautada em sua emoção e visão pessoal.

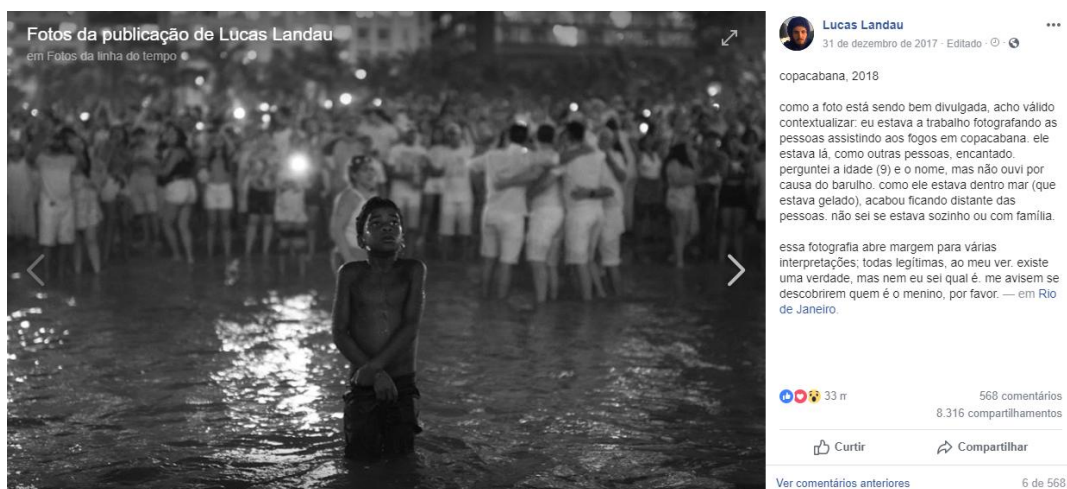
Mas diante dessa afirmação podemos encontrar certa contradição no que se diz respeito sobre o papel do fotógrafo. Sendo ele apenas “contador de histórias”, obter informações concretas sobre seu personagem principal não deveria ser sua maior preocupação? Já que o mesmo sempre usa as redes

sociais para divulgar seu trabalho. Sim trabalho, pois como está exposto houve um contrato e a fotografia, mesmo com sua beleza e força, fora construída diante de um olhar profissional e posteriormente vendida.

A questão a ser destacada é o ato de divulgação dessa imagem, usando a figura da criança negra em um contexto não explícito sobre quem é esse indivíduo, deixando margens para o fortalecimento do estereótipo racial. E diante do que ele expressa em sua postagem, o ato de buscar, após as polêmicas, saber quem é a criança, denota uma tentativa de desfazer a problemática.

A figura 12 trata-se de postagem feita pelo fotógrafo em sua rede social no dia 31 de dezembro de 2017.

Figura 12: Publicação do Facebook



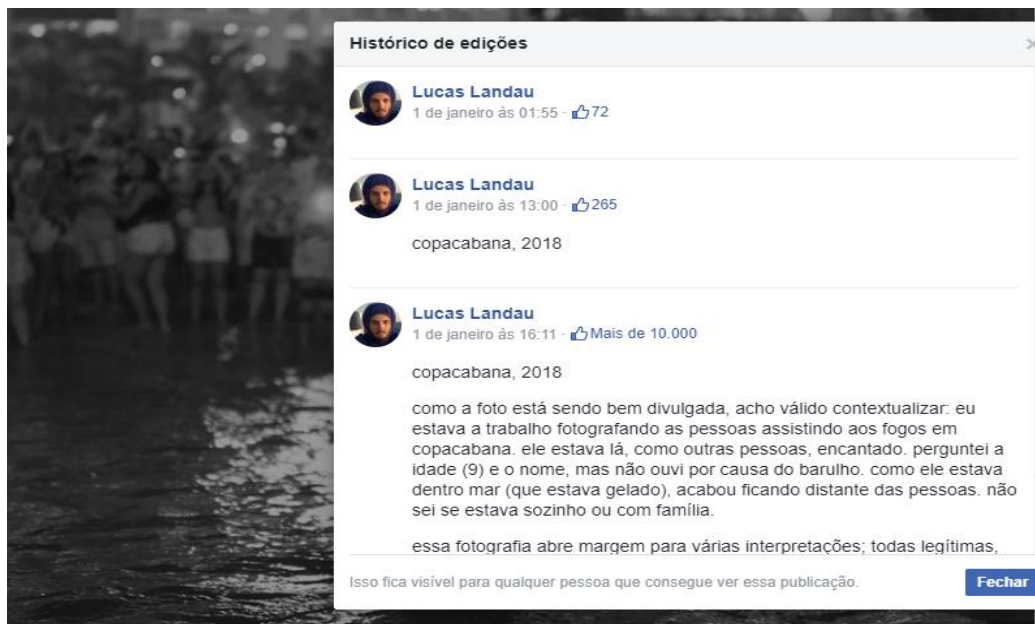
Fonte: captura de tela do Facebook

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10215003728068814&set=pcb.10215003728268819&type=3&theater>

Reforçando nossa análise das figuras anteriores, podemos direcionar nossos pensamentos na afirmação que a imagem aqui apresenta relação à tomada de atitude por parte do fotógrafo em contextualizar sua obra, acrescentando em nossa ideia principal a responsabilidade do autor em enxergar possíveis problemas diante do uso da plataforma onde será veiculada sua obra. Como o próprio declara, após a foto obter bastante divulgação, uma contextualização sobre quem seria a criança fez-se necessário. Quando observamos os detalhes veremos que houve uma edição em sua publicação o que mostra a figura 13.

A figura 13 trata-se do histórico de edição da postagem feita pelo fotógrafo em sua rede social no dia 01 de Janeiro de 2018.

Figura 13: Publicação do Facebook



Fonte: captura de tela do Facebook

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10215003728068814&set=pcb.10215003728268819&type=3&theater>

Observando o Histórico de edições divulgado pelo Facebook, vemos que o fotógrafo sentiu a variação de curtidas durante algumas horas do dia após sua publicação. Podemos conferir que antes de vinte quatro horas a publicação alcançou mais de dez mil curtidas. Foi visto também que sua postagem não tinha legenda, sendo acrescentado um título basicamente treze horas depois, quando essa já havia alcançado um numero superior a cem curtidas. Às dezesseis horas o fotógrafo acrescenta um texto à publicação, nesse apenas identificou a idade do garoto, mas não obtemos mais informação. No último parágrafo do texto o autor da foto expressa sua visão a cerca do poder da foto em gerar diversas variações de intepretação.

4.3 Resultados

As interpretações sobre a fotografia nos direcionam a uma visão sobre como o fotógrafo de cunho social pode expressar sua visão em rede. Ou, acima de tudo, discutimos como esse processo pode ser prejudicial para entendimento da imagem.

A contextualização nos proporciona uma ponte para que possamos identificar, de alguma forma, a intenção do autor. E este, por outro lado, deve se atentar as características da plataforma em que sua obra será exposta. A estética apresentada pode ser interpretada de diversas maneiras como afirma Buitoni (2011, p. 13):

Não existe uma só modalidade de imagem. O conceito geral de imagem - que abrange a fotografia - permite considerar diversas possibilidades para o visual. Qualquer imagem pode ser encarada de diferentes maneiras – e pode ser muitas coisas ao mesmo tempo.

Retomando a visão do autor entendemos que as variações na maneira de interpretar a imagem fotografada podem revelar opiniões diversas sobre um mesmo assunto, fortalecendo também a ideia de que as fotografias veiculadas pela internet permitem descobrir, de maneira mais rápida, como a estética apresentada nos elementos da imagem revelam discursos, através de argumentos pautados em formas, como classes sociais, etnias, visão artística ou diante de estudos específicos:

A imagem fotográfica foi desde que surgiu, o ponto para onde convergiram múltiplos discursos: discurso técnico, estético, literário, filosófico, psicanalítico, semiótico, sociológico e antropológico, discursos sobre seus estilos, seus gêneros, seus possíveis usos; discursos daqueles que a faziam e debates que essa imagem suscitava nos meios artísticos. (KAWAKAMI; VEIGA, 2012, p.171)

Assim como afirma o autor, fortalecemos nossa visão sobre a relevante preocupação em fotografar com o intuito de contar uma narrativa, auxiliando matérias e produtos, mas sabendo então da responsabilidade que se potencializou nos dias atuais diante de plataformas que garantem a participação ativa dos que antes não eram ouvidos ou representados.

A partir da análise apresentada, acreditamos que o fotojornalismo moderno está mais aberto interpretações. Por isso, é preciso manter um certo cuidado sobre o objeto ou sujeito a ser fotografado, se posicionando sim como contador de histórias, mas também assumindo o papel de responsabilidade antes, durante e após a criação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo nos propomos a descrever não apenas a importância do fotojornalismo para a sociedade, mas também como apresentar as possíveis interpretações que fotografias de cunho social podem revelar quando veiculadas pela internet. Comprovamos que esses discursos são reflexos de uma estética pré-construída sobre a figura do homem negro através de elementos encontrados em rede e diante da repercussão acerca de uma fotografia simples.

A escolha dessa foto ocorreu após entendermos que esse assunto poderia ser de grande auxílio para compreensão das mudanças no processo de criação jornalística. Expomos alguns elementos que fortalecem essa afirmação, pautados em autores que justifiquem o tema e sua importância para a área de estudo. Com a intenção de auxiliar outros a questionarem e trabalharem mais sobre essa temática tão relevante para o fotojornalismo, pois entender todos os processos na construção de um trabalho fotográfico deve ser o ponto principal de uma pauta do jornalista fotográfico.

Abordamos também como a estética pode trazer variações sobre como enxergamos o outro, tendo apenas como informações a cor da pele, ou a roupa que usamos. Essas questões refletem na resiliência do preconceito velado em nossa sociedade, que não admite a necessidade da quebra de estereótipos raciais, como também a importância da internet para revelação desses sujeitos.

Emoções, histórias ou apenas complemento de matéria jornalística podem ser temas sobre a fotografia, mas sendo amplo o campo de pesquisa, nos direcionamos a enxergar que esse elemento, quando usado sem contextualização, pode gerar problemas para o profissional.

Levando em consideração esses aspectos, podemos ressaltar nosso objetivo principal: analisar como a fotografia de estética social repercute na internet, tendo este fenômeno ocorrido a partir de uma fotografia específica e a interação gerada nas redes de comunicação, pois foram elas que possibilitaram a revelação de discursos diversos. Nesses discursos encontramos elementos que demonstram uma visão que podemos entender como equivocada acerca

do negro, nesse caso da criança negra. A representatividade negativa pode gerar problemas em relação a visão e associação da imagem apresentada ao que de fato diz a realidade, reforçando estigmas e estereótipos.

6. REFERÊNCIAS

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Fotografia e Jornalismo a informação pela imagem**. São Paulo: Saraiva, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/mkWCYW>>. Acesso: em 25 de out. de 2018.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas/SP: Papirus editora, 1998. Disponível em: <<https://goo.gl/Bd81SP>>. Acesso em: 25 de out. de 2018.

FORIN, Renato Júnior; BONI, Paulo César. **A globalização da exclusão social por meio da fotografia**. Disponível em: <<https://goo.gl/AZwFmx>>. Acesso: em 20 de out. de 2018.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.

FREITAS, Gabriela Pereira de. **Dos bancos de imagens às comunidades virtuais: configurações da linguagem fotográfica na internet**. Dissertação apresentada, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/4983>>. Acesso em: 20 de out. 2018.

KAWAKAMI, Tatiana Tissa; VEIGA, Adriana Imbriani Marchi. **A popularização da fotografia e seus efeitos: Um estudo sobre o a disseminação da fotografia na sociedade contemporânea e suas consequências para os fotógrafos e suas produções**. Disponível em: <<https://goo.gl/UgTJiD>>. Acesso em: 21 de out. de 2018.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Via Litterarum, 2010. Disponível em: <<http://197.249.65.74:8080/biblioteca/bitstream/123456789/713/1/Metodologia%20da%20Pesquisa.pdf>>. Acesso em: 20 de out. de 2018.

MIRANDA, Cristiane Fontinha. **Conexões fotográficas: A construção de uma nova narrativa visual**. Dissertação apresentada Programa de Pós-Graduação em Design e Expressão Gráfica da Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/Rqe16N>>. Acesso em: 05 de nov. de 2018.

LOPES, Frederico, **Fotografia e Modernidade, 1998**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=6>. Acesso em: 20 de out. de 2018.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**. Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>>. Acesso em: 25 de out. de 2018.

SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 2005.